

Orféus e vagalumes no inferno

*Profa. Dra. Agnes Sanfelici*¹
*Prof. Dr. Daniel Felix*²

RESUMO

O artigo proposto se concentra na literatura produzida em confinamento, mais particularmente na escritura de Luiz Alberto Mendes, e propõe uma leitura crítica com incursões e conexões entre literatura, direito, filosofia e psicanálise, e esta é desvelada pelos discursos de Arendt, Derrida, Didi- Hubermann, J.A. Miller e Lacan.

Palavras-chave: *narrativas, prisões, lei, literatura, poder, violência, vagalumes e Orféus.*

ABSTRACT

This article focuses on prisoners' narratives, more specifically on Luiz Alberto Mendes's writings. It proposes a critical reading, with incursions and connections between literature, law, philosophy and psychoanalysis. This critical reading is unveiled by Arendt's, Derrida's, Didi-Huberman's, J.A. Miller's and Lacan's thoughts.

Keywords: *narratives, imprisonment, law, literature, power, violence, fireflies, and Orpheus.*

1 Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Iniciou sua pesquisa sobre as relações de poder e violência e a literatura produzida em cárcere em seu pós-doutoramento na Universidade Federal de Santa Catarina.

2 Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Literatura Comparada pela Université de Paris X-Nanterre. Sua tese trata de diversas narrativas literárias contemporâneas produzidas em confinamento, mais notadamente as de Graciliano Ramos, Genet e Arenas.

Voluntad de Vivir Manifestándose

Ahora me comen.

Ahora siento cómo suben y me tiran de las uñas.

Oigo su roer llegarme hasta los testículos.

Tierra, me echan tierra.

Bailan, bailan sobre este montón de tierra

Y piedra

Que me cubre.

Me plastan y vituperan

Repitiendo no sé qué aberrante resolución que me atañe.

Me han sepultado.

Han danzado sobre mi.

Han apisonado bien el suelo.

Se han ido, se han ido dejándome bien muerto y enterrado.

Éste es mi momento.

Prisión del Morro, Havana, 1975.

Reinaldo Arenas.

Leprosario

O preso é, antes de qualquer coisa, um homem...

Dostoiévski

Memórias da casa dos mortos

Em dois de outubro de 2013 se completa 21 anos do Massacre do Carandiru, e embora muito se tenha escrito, publicado e estudado, ainda há muito a se escrever.

Esse artigo é dedicado à memória dos mortos do Massacre, não somente dos 111 detentos mortos, mas, de todos os demais não declarados oficialmente, como também em memória aos sobreviventes.

A proposta desse artigo se realiza por meio de duas leituras: a primeira, a que retoma a partir da narrativa literária de Luiz Alberto Mendes³, valorizar não somente a literatura produzida por esse escritor como também toda a literatura que se produz em condições de encarceramento. E é por intermédio desta que se tece a argumentação teórica da primeira parte do artigo. Propõe-se ao trazer em cena essa temática, uma leitura concisa fundamentada no diálogo literatura comparada e psicanálise. Interlocução que se concentra na seguinte interface: narrativas produzidas no confinamento – angústia – sintoma. O colóquio proposto enlaça, também em seu enredo, uma estreita aproximação com a segunda leitura, da travessia da narrativa de Mendes ao pensar a produção e a inscrição dessa literatura⁴.

A segunda parte do artigo aborda os conceitos de violência e poder baseados na teórica Hannah Arendt. A partir da significativa produção literária contemporânea surgida no cárcere lança-se a ideia dos vagalumes do inferno, seres que necessitam lançar suas luzes como forma de sobreviver na escuridão, de escapar à condenação que atingem suas vidas por meio da leitura e da escritura.

Existe no Estado de Santa Catarina, em algumas Unidades Prisionais, projetos de leitura e escritura em que o apenado pode reduzir dias de sua pena ao participar desses trabalhos. Nessa aproximação entre o Direito e a Literatura entende-se que, além da necessidade de sobrevivência dos vagalumes, é possível encontrar um novo campo de ação de políticas que pensem de fato na reinserção social das pessoas que vivem atualmente dentro das prisões.

3 Mendes publicou as seguintes narrativas: *Memórias de um Sobrevivente* (2001), *Tesão e Prazer*: memórias eróticas de um prisioneiro (2004), *Às Cegas* (2005), e *Cela Forte* (2012). E hoje, morando próximo à cidade de São Paulo, Luiz Mendes se dedica à literatura e ao trabalho voluntário ministrando palestras e oficinas literárias em presídios. No passado, ele atravessou a experiência da prisão e a ela sobreviveu após 31 anos e dez meses de detenção.

4 Articula-se na segunda parte do artigo, uma argumentação que lê a produção literária dentro das prisões com base no discurso de Hannah Arendt, Georges Didi-Huberman e no próprio discurso jurídico.

O CANTO DOS ORFÉUS

Para a compreensão e a crítica da primeira trama, entende-se a produção da narrativa literária no confinamento como um possível trajeto de liberdade, ou ainda como uma saída labiríntica (e sintomática) da prisão, ou seja, ascende-se à liberdade tal como as asas de Ícaro⁵ pelas folhas da literatura. A saída possível em meio à descida ao inferno da prisão. Desse modo, compreende-se a literatura como o prometido *phármakon* tão tratado por Platão em *Fedro*, quanto, na contemporaneidade, investigado por Derrida. Entende-se que, a produção de narrativas armazena o antídoto, o tratamento (*la cure*, na concepção lacaniana do termo), ou mais, o antídoto contra a profunda angústia, contra o não suportável da dor. Nesse sentido, lê-se a produção de narrativas no confinamento como o tratamento possível dentro do *vigiar e punir*⁶, afinal, como pensar e conduzir à reinserção social dos detentos, ou melhor, quais as possibilidades e perspectivas de reinserção ainda dentro do sistema carcerário, senão pela leitura e escritura? Caso contrário, a detenção permanece tragicamente fadada (e como já está há décadas no Brasil) à superlotação⁷ e ao eterno depositário de corpos mutilados. Entretanto, essa discussão reaparecerá por meio de uma crítica, com fina acuidade, na segunda parte do artigo.

Então, de volta à temática da narrativa em questão, e por uma perspectiva comparada, inicia-se a argumentação fazendo alusão ao conto de Primo Levi⁸, *A Lixeira Agradável*, nele o ato de escrever é tecido da seguinte maneira: de um lado, escrever é se desfazer do que se quer, por “para fora”, e de outro, escrever é conter, guardar o que mais se deseja lembrar e conservar. Seria possível ler e reler, esse mesmo desdobre pelo discurso de Derrida, conforme acima citado, pois, se dilata aqui a noção da escritura enquanto *phármakon*, logo, se deduz que, o ato de escrever é tratamento, é remédio, porém é também veneno. Todavia, é preciso pensar para além desse tratamento (para além da *cure*), ou para além desse veneno

5 Imediatamente, pensa-se, a partir da literatura ocidental, nas narrativas produzidas no confinamento, como por exemplo: os escritos de Sade, de Wilde, de Gramsci, e mais contemporaneamente, os de Reinaldo Arenas, Caryl Chessman, Graciliano Ramos, Jean Genet, entre tantos outros.

6 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

7 WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

8 LEVI, Primo. *71 contos de Levi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

(em conter a insistência em inscrever a memória e os restos), afinal, o ato de escrever armazena o dom e o contra-dom⁹. É preciso entender que este se realiza na tessitura da trama entre os fios do trauma, da repetição, da angústia e do sintoma. E, é particularmente acerca dessa tessitura que se faz a sugerida interlocução entre literatura e psicanálise.

Sabe-se que a escritura contém traços, cicatrizes, restos e resíduos, e estes velam e desvelam memórias, traumas, angústias e sintomas. Tanto na clínica (da psicanálise) como no ato de escrever se instaura um estado “sintomático” de angústia, a angústia do acidente vivido, a do “acidente” que persegue o sujeito, como também as marcas do(s) sintoma(s). Sintoma que aparece na voz daquele (analisando) que fala na clínica, ou na folha, na narrativa daquele que escreve. Certamente que, é necessário pensar melhor a respeito da angústia e do sintoma. Ou ainda, como compreender essas narrativas urdidas na angústia e no(s) sintoma(s)?

Lembra-se que não se tem aqui a pretensão de responder a essas indagações em torno da relação escritura – confinamento – angústia – sintoma. Aliás, seria essa relação um tema interessante para um longo debate ou um seminário, entretanto, intenciona-se apenas apresentar uma concisa e provocativa discussão.

Acerca da temática da angústia, e em particular, se insere aqui a análise de Jacques-Alain Miller, que retoma o discurso de Lacan¹⁰, presente no seminário X, *A Angústia*. Sabe-se que a proposta lacaniana retomada por Miller se articula a partir do conceito de *desangustiar*, conceito que não pontua qualquer perspectiva de cura ou de apagamento da angústia, ou seja, não se trata em nenhum momento de apagar, cessar ou de curar a angústia. Sabe-se que não se discute na clínica psicanalítica a cura. Aliás, esta se torna um “Santo Graal” prometido ora pelo discurso da medicina ocidental, ora por algumas terapias.

Conforme trata Miller, há no ato de escrever um desangustiamiento do sujeito, o que provoca e conduz às modificações da angústia. Para tanto, antes de discutir esse “estado” de desangustiamiento, é preciso entender uma outra sutil leitura, segundo revela Miller, a dos dois estatutos da angústia: a angústia constituída e a angústia constituinte. E de modo assaz

9 DERRIDA, Jacques. *La Dissémination*. Paris: Seuil, 1972.

10 LACAN, Jacques. *A Angústia*. Seminário X. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

simplificado, lê-se que: a angústia constituída conduz a repetição, enquanto que, a constituínte é produtora, ela produz objeto pequeno a^1 (objeto a), trata-se da angústia motor.

Assim, o ato de escrever propicia esse *desangustiamiento*, ato que por sua vez se torna um dos acessos possíveis às transformações (efeitos e usos) da angústia. O fazer literatura, nesse sentido, funciona como uma das produções da angústia constituínte. Esclarece Miller¹²:

No seminário da Angústia, o que interessa a Lacan não é a construção da fobia, não é o *desangustiamiento* pela fobia, mas sim a retomada dessa mancha, a retomada desse resíduo totalmente singular, resíduo que é também algo vago, para fazer disso um objeto, para fazer disso o objeto do pequeno a .

De fato, o *desangustiamiento* no ato de escrever expõe os restos e os resíduos formadores da angústia, ao mesmo tempo em que testemunha e desvela fobias, fissuras e feridas presentes na escritura. Emprega-se o termo resíduo e interpreta-o na seguinte perspectiva *à la fois* (lê-se de dois modos): de um lado, o resíduo como traço de experiência, ou ainda, como traço/rastro de que sobrou (e que surge nos rastros da escritura e de sua impressão¹³); e por outro lado (ainda sob a mirada de Miller) resíduo é resto, objeto e dejetto. Dejetto como aquilo que é expulso, eliminado, expelido.

Não teria aqui como deixar de mencionar o nome de dois escritores: o de Artaud, que tratou da escritura como fluxo orgânico, como excremento, urina, sangue e espermatozoides; e o de Sade, em seus excessos e dejetos, e conforme tão bem assinala Barthes: *cet excès a nom: écriture*¹⁴. Ainda

11 Pierre Kaufmann esclarece acerca do conceito do objeto a , *petit a*: o objeto a e seu estatuto, [...], até que ponto é possível definir e apreender o objeto a como o objeto da pulsão? Ele é mais propriamente, diz Lacan, o que seria o objeto da pulsão se a pulsão genital existisse [...] o pulsional passa necessariamente pelas pulsões parciais e sua diversidade, ou até mesmo pluralidade. A lista dos objetos, especificados por zonas corporais, culmina nos quatro objetos – da sucção, da excreção, do olhar e da voz. Será essa lista a dos objetos a ? Ela é a lista dos “estilhaços” do objeto a , [...] o seio – como equívoco, como elemento característico da organização mamífera, a placenta, por exemplo, representa bem essa parte de si mesmo que o sujeito perde ao nascer, e que pode servir para sintetizar o mais profundo objeto perdido, [...] o excremento, ou ainda os suportes que ele encontra para o desejo do Outro: seu olhar e sua voz [...].

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 294-295.

12 MILLER, Jacques-Alain. **Angústia constituída e a Angústia constituínte**. Desangustiar com a psicanálise. Introdução à leitura e referências do Seminário X. **Opção Lacaniana** – Revista Brasileira Internacional do Campo Freudiano, n.43. São Paulo, p. 4-5, maio, 2005.

13 DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

14 BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Paris: Seuil, 1971.p.16. Tradução do autor do artigo: esse excesso tem nome: escritura.

segundo Miller, esse dejetos guarda sua função iminente de objeto-causa, de produzir objetos do desejo, como também esse excesso (a escritura) revela o objeto pequeno *a*. E assim, pode-se localizar e arquivar em uma leitura mais cuidadosa, os excessos, os dejetos, e os resíduos expostos nos fragmentos da narrativa literária de Mendes¹⁵.

Quanto à temática do sintoma, Freud¹⁶ em seus escritos o situa e o interpreta para além de uma tentativa de cura (no sentido médico do termo), enquanto que, para Lacan, o sintoma é o efeito da inscrição no laço social. Em meados dos anos setenta, no seminário XXIII, *Le Sinthome*, Lacan¹⁷ destaca que todo ser humano como sujeito se caracteriza pelo sintoma, ou seja, na história de cada um o sintoma aparece tanto como o marco de seus sofrimentos como de seu peregrinar¹⁸. Entende-se, partindo dessa leitura, que o sintoma é uma saída, às vezes precária, porém, (muitas vezes) é a única saída constituída, ou ainda, a saída que sela o efeito da inscrição no laço social. Afinal, o sintoma¹⁹ se revela enquanto produto-selo da inscrição no laço, posto que não haja outra maneira do sujeito de sobreviver a uma representação tão insuportável da dor (notadamente, quando se compreende que o sujeito se encontra detido em espaços marcados pela tortura e morte).

Reforça-se, nesse contexto, o entendimento do sintoma²⁰ como gozo, como mensagem endereçada ao Outro e ainda como produção/invenção do sujeito face ao infinitamente insuportável. E de fato, o sintoma é uma produção do sujeito, uma invenção do sujeito. Reconhece-se que quando uma pulsão surge, ela persegue a satisfação e ao se deparar com uma barreira, cabe à pulsão perseguir outros trajetos em busca da satisfação, por

15 Fragmentos que serão apresentados no final da primeira parte do artigo.

16 FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedades, a questão da análise leiga e outros trabalhos**. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

17 LACAN, Jacques. **Le Sinthome**. Seminaire XXIII. Paris: Seuil, 2011.

18 Pensa-se no sintoma e no desejo de liberdade (recorrente) nestas narrativas e projeta-se percorrer outros desvios e trajetos. Poeticamente, cita-se, então, o notável filme de Pier P. Pasolini (1968) *Teorema*, em que não por acaso, as cenas finais se encerram com a presença de um homem em uma estação de trem, logo ele é tomado por uma insuportável dor e forte desamparo, então, ele decide retirar todas as roupas, e na sequência, ele reaparece no deserto a peregrinar sem fim (peregrinação a que estamos todos condenados). Agrega-se, a isto a noção desejo-deserto desenvolvida por Dumoulié. DUMOULIÉ, Camille. **O Desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.297.

19 Condensa-se e entende-se aqui a noção de sintoma como: consequência da entrada na cultura; destino do pulsional como contraponto à censura do reprimido e ainda sintoma enquanto patológico ante a dor insuportável.

20 Quanto ao conceito em questão, menciona-se aqui a existência de diversas leituras sobre o sintoma, na via simbólica é mensagem endereçada ao outro, do ponto de vista pulsional, ou real é gozo e enquanto efeito da relação sujeito-Outro (ou consequência da entrada na cultura) é invenção, saída-produção. E, é essa perspectiva que persegue o texto.

mais duros que eles sejam. Afinal, busca-se lograr a satisfação almejada. Há de se mencionar que alguns dos sujeitos que produzem literatura na prisão, podem não ter desenvolvido sintomas relacionados ao estado de reclusão. Desse modo, deduz-se que as narrativas literárias constituem a evidência da produção sintomática. Enquanto que, em outros sujeitos, esta produção literária constitui em si o tratamento para a angústia, sem ter que atravessar a via do sintoma. Conjetura-se ainda que, em muitos casos, a consequência subjetiva dessas produções seja o tratamento da angústia e do insuportável do sofrimento, pois embora não seja um trajeto consciente, esses sujeitos afirmam, reafirmam e repetem que o escrever se impõe²¹. Aliás, com frequência, afirmam estes que, uma vez iniciada a produção literária, não há escolha, é imperativo escrever e não parar de escrever²² (é imperativa a produção, a mensagem endereçada ao Outro). Reside-se então uma possível saída, uma saída para além dos muros das prisões²³, no labor do canto pelas folhas da literatura.

E no encaço dessa concepção entre literatura-angústia-sintoma, antes de finalizar essa primeira secção, se insere o último parágrafo de um artigo de Jean Genet²⁴ (escrito em outubro de 1982) intitulado *Quatre heures à Chatila*:

Au retour de Beyrouth, à l'aéroport de Damas, j'ai rencontré de jeunes feddayins, échappés de l'enfer israélien. Ils avaient seize ou dix-sept: ils riaient, ils étaient semblables à ceux d'Ajloun. Ils mourront comme eux. Le combat pour un pays peut remplir une vie très riche, mais courte. C'est le choix, on s'en souvient, d'Achille dans l'Iliade.

-
- 21 Quanto à imposição do ato de escrever, esta é declaradamente marcada no fragmento de Mendes posto no artigo.
- 22 Temática problematizada por Semprun entre escrever e não escrever face às memórias de Buchenwald. SEMPRUN, Jorge. *L'écriture ou la vie*. Paris: Gallimard, 1994. No entanto, essa problemática também surge (em outras proporções e expressões) nas narrativas produzidas dentro do confinamento, sobretudo sob imperativo do ato de escrever, quanto a esta produção, nos últimos anos, menciona-se aqui, além de Mendes, por exemplo, os nomes de: André du Rap, Hosmany Ramos, Indarte, Jocenir, Negriini, Sandra Herzer, entre tantos outros.
- 23 O romance do cubano Reinaldo Arenas, *Antes que Anochezca* (Arenas foi detido em Cuba nos primeiros anos da ditadura de Fidel), este foi escrito no cárcere, e teve sua primeira edição publicada na França, graças à feliz clandestina saída da prisão dos manuscritos.
- 24 GENET, Jean. *L'Ennemi Déclaré* - textes et entretiens. Gallimard, Paris, 1991. p.264. Tradução livre do autor do artigo: *No retorno à Beirute, no aeroporto de Damas, eu encontrei jovens guerrilheiros, sobreviventes do inferno israelense. Eles tinham dezesseis ou dezessete: eles estavam rindo, eles eram como aqueles de Ajloun. Eles morrerão como os outros. Combater por um país pode tornar a vida muito rica, porém breve. Isto é a escolha, recordamo-nos de Aquiles na Iliada*. Ressalte-se que no texto original Genet escreve a seguinte nota: *Voir, dans Un Captif amoureux, le "très vieux débat" posé entre Achille et Homère: "Mourir en un temps bref, ou chanter pour l'éternité?"*. Tem-se imediatamente a seguinte nota traduzida: *Veja em Un Captif amoureux, o "velho debate" posto entre Aquiles e Homero: "Morrer em um tempo breve ou cantar pela eternidade?"*. GENET, Jean. *Un Captif amoureux*. Paris: Gallimard, 1986.

Então, do épico discurso de Homero: *entre morrer em um tempo breve ou cantar pela eternidade*, decide-se aqui pelo encantamento do canto, embora não seja o de Orfeu por sua Eurídice, contudo, também para ouvi-lo, é preciso ter as orelhas pequenas como a de um menino conforme ensina sabiamente Nietzsche e retoma Derrida²⁵. Enquanto isso, Mendes²⁶ canta em sua literatura:

Epílogo

Estou preso, como sempre, agora na Casa de Detenção de São Paulo. O ano é 2000 [...]. Como agora quarenta e sete anos de idade, cumprindo vinte e sete anos de prisão. Consegui escapar duas vezes e fui recapturado em ambas, poucos meses ou dias após as fugas. Nos últimos vinte e sete anos, não consegui ficar nem cem dias solto, com fugas e tudo. [...] E sou pai de dois meninos. [...] Continuo condenado a um montão de anos de prisão, sem perspectiva de quando vou sair, como sempre. Amadureci, evolui e cresci muito e muitas vezes. Minha luta atual é no sentido de sustentar meus filhos, mesmo estando preso. Meus pais faleceram e não há muito tempo. Passaram-se mais vinte anos do final do relato que fiz de minha vida. Muita água rolou por debaixo da ponte nesse tempo. Daria para fazer um novo livro. E talvez até venha a fazê-lo, não se sabe no futuro. **A intenção é escrever sempre e para sempre.** Mas não sei... a vida me ensinou a nunca esperar fluidez contínua, e sim descontinuidade, tanto na vida de cada um, como na de todos em geral [...] Esse relato de parte de minha vida[...] estava dormindo no fundo de uma gaveta há tempos. Desisti de levá-lo a público, aliás, nem tentei chegar às editoras. Parecia impossível uma publicação [...] a intenção do livro não foi ter uma mensagem, não tenho essa pretensão. Apenas escrevi para ter uma seqüência que permitisse que eu mesmo entendesse o que havia acontecido realmente. Pois, afora, poucos momentos em que estive no comando de minha existência, a maior parte de minha vida transcorreu em uma roda-viva, descontrolada e descontínua. [...] a dor submete. A dor humilha até nos fazer qual pó de estrada, tapete do mundo. Dizem que ensina. Sem dúvida, ensina. Principalmente a não querê-la mais, de modo nenhum, por mais que contenha qualquer ensinamento. Mas, né, quem somos nós, míseros mortais, para querer ou não? [...] De dentro de nossas reuniões literárias, surgiu à idéia de escrevermos contos para a publicação em jornais

25 DERRIDA, Jean. *L'oreille de l'autre*: otobiographies, transferts, traductions. Montréal : VLB, 1982.

26 MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um Sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.470-478. Grifo do autor do artigo.

e revistas. Nós escreveríamos, e o jornalista amigo os levaria aos jornais e revistas. Produzimos muitas estórias.[...] Particularmente, recomencei a escrever em setembro e não parei mais. Nem sei quantos contos já criei. [...] O concurso realizou-se. Era uma idéia e hoje já está na fase de premiação dos ganhadores. Ganhei o primeiro lugar na categoria Conto, com “Cela-Forte”. Vou ganhar mil duzentos e cinquenta reais de prêmio, o que vai ser ótimo, dadas as minhas necessidades. [...] Nos últimos quatro meses, revivi este livro todinho, página por página, palavra por palavra. Foi uma viagem muito difícil. Houve momentos em que pareceu que tudo estava acontecendo de novo. Particularmente, nos instantes de maior sofrimento. Doeu, doeu fundo, mas eu precisava mergulhar naquilo de novo. Apreendi algumas coisas sobre mim. Principalmente percebi que me tornei mais humano. Os sofrimentos podem causar diversas reações e conseqüências. Reagimos diferentemente, cada um à sua maneira. Mesmo dentro de nós mesmos; reagimos hoje de um modo, e, amanhã, diante o mesmo sofrimento, será de outro modo que nos manifestaremos. [...] acompanhei muitos serem destruídos, quais folhas ao vento. A maioria, a dor estupidificou, desumanizou, e os fez piores do que já eram. A mim, sinceramente, não sei por quê, tornou mais sensível, mais humano, mais compreensivo e capaz de perceber o sofrimento alheio. A dor dos outros já não me é indiferente, já me preocupa e faz sofrer também, se nada posso fazer para minorá-la. Não recomendo a ninguém o caminho das pedras que segui. [...] Meu livro conta a história de trinta anos atrás, mas que pode ser atualíssima. Nós, a molecada abandonada ou foragida, nos reuníamos na Praça da República em bandos. A sobrevivência era uma luta árdua. Pois hoje, a molecada se reúne na Praça da Sé, e a luta pela sobrevivência talvez seja pior ainda. A diferença é que nós tínhamos doze, treze anos no mínimo. Hoje, essas crianças têm oito, nove anos, no mínimo, e enquanto éramos centenas, hoje somam milhares. Os anos, as décadas se passaram e quase nada mudou as coisas até pioraram [...]. **No final deste livro, o que mais posso dizer? Que não vou parar de escrever; acho que deve ter ficado claro que não vou mesmo, por mais que nada resulte.** Principalmente preciso dizer que ainda estou na luta, que quero ser feliz, e mesmo que não seja, jamais me conformarei com menos. Vou morrer tentando. Claro que agora mais maduro mais sofrido e mais experiente, não que isso signifique muita coisa [...], mas não vou mais seguir caminhos que já se provaram – exaustivamente – de dor. Mas também não vou dar mole, quero mais que simplesmente estar vivo. [...].

Orféus nas prisões e,

A DANÇA DOS VAGALUMES DO INFERNO²⁷

“Literatura é a arma mais forte que há.”

Hosmany Ramos

A filósofa Hannah Arendt em *Sobre a Violência*²⁸ abre extensa discussão sobre a tecnologia da violência na cena mundial da época. *Sobre a Violência* foi escrito em 1969 e trata-se de um trabalho de suma importância na obra dessa autora. É um parar para refletir sobre o papel dos meios violentos de resistência à opressão.

O século XX, fortemente marcado por regimes totalitaristas, encontrou na violência e na multiplicação de seus meios, através, sobretudo, da tecnologia, modos de legitimar o extermínio em massa, evidenciados nos campos de concentração, em medidas de torturas e massacres de civis.

O conceito de violência exposto por Hannah Arendt deflagra o jogo dos poderes e os mecanismos que os Estados se utilizam para mantê-los. Para Arendt, a violência não é o domínio do homem sobre o homem. Essa filósofa traça um deslocamento da violência, em que o poder – inerente a qualquer comunidade política - é resultante da capacidade de agir em conjunto em prol de interesses comuns. Nesse sentido, é no mínimo necessário o consenso de muitos para o resultado de uma ação.

Por isso, para Arendt, a violência e o poder são dois conceitos sempre interligados, na medida em que a afirmação absoluta de um significa a ausência de outro. Em resumo, a violência destrói o poder, não o recria. É a desintegração do poder que incita a violência e seus meios, isto é, quando os comandos não são mais acatados seja por falta de credibilidade, consenso em opiniões ou qualquer outro motivo. Nas palavras de Arendt:

[...] a violência – distintamente do poder, da força e do vigor²⁹ - sempre necessita de implementos (como Engels observou há muito tempo), a revolução da tecnologia, uma revolução na fabricação dos instrumentos, foi especialmente notada na guerra. A própria substância da ação violenta é regida pela categoria meio-fim, cuja principal caracte-

27 Este artigo foi possível de ser realizado devido às contribuições das seguintes instituições: Diretoria de Inteligência e Informação da Secretaria de Justiça e Cidadania, Penitenciária de Florianópolis, Presídio de Joaçaba, Complexo Penitenciário de Itajaí, Penitenciária Industrial de Joinville.

28 ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

29 Hannah Arendt faz uma distinção entre *poder*, *força* e *vigor* diferenciando essas categorias da categoria violência. *Poder* seria a capacidade de agir em conjunto; *vigor* seria algo que se possui no singular, isto é, relacionado a um único indivíduo, e a *força* seria a energia direcionada e liberada pelos movimentos físicos e sociais.

terística, quando aplicada aos negócios humanos, fez sempre a de que o fim corre o perigo de ser suplantado pelos meios que ele justifica e que são necessários para alcançá-lo.³⁰

Em *Sobre a violência*, Arendt explica de que modo a violência pode ser instrumentalizada gerando elementos para que o homem se recrie em suas próprias ações. Entretanto, no que concerne ao estatuto da violência à reconstrução do poder, não se pode ambicionar que esta faça aquele emergir, pelo contrário, a violência “não reconstrói dialeticamente o poder. Paralisa-o e o aniquila.”³¹

A discussão aqui proposta gira em torno da visão de que existe o consentimento da sociedade em relação às violências ‘legalizadas’ e praticadas no sistema penal brasileiro, e a contrapelo vimos a emergência de vozes que necessitam expressar suas experiências pelo viés da produção artística, como se pode constatar pelas inúmeras publicações de livros produzidos em cárcere³² - literatura que corre à margem do cânone.

Nos interessa aqui as imagens das violências sob o ponto de vista das manifestações literárias que surgem no inferno das prisões contemporâneas, sabendo de antemão que outros campos se conectam e se imbricam com a literatura, como o do Direito, por exemplo. Não se pretende dar aprofundamento ao fenômeno histórico da violência, mas buscar analisar as relações existentes entre as violências dos cárceres e as formas de sua apresentação em atitudes literárias.

Se faz indispensável a discussão de como a tecnologia das violências dentro do sistema carcerário submete os presos, os agentes penitenciários, a polícia e a sociedade em geral ao desafio de reorganizar as relações de poder, abrindo discussões sobre os modos e necessidades de trazer à tona essas realidades violentas dentro e fora da cadeia.

Surge nesse percurso a ideia de fissuras. *Fissuras* que irrompem dentro do sistema carcerário podem bem apontar para os processos de sobrevivência sob violências – a *sobrevivência dos vagalumes*³³.

30 Hannah Arendt. Op.cit., p.18.

31 Hannah Arendt. Op.cit., p.12.

32 Citamos aqui algumas obras literárias brasileiras produzidas no cárcere: *Memórias de um sobrevivente* de Luis Alberto Mendes, *Pavilhão 9 - paixão e morte no Carandiru* e *Marginália* de Hosmany Ramos, *Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)* de André Du Rap, *Quatrocentos contra um - uma história do Comando Vermelho* de William Lima da Silva.

33 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

As fissuras as quais estamos nos referindo aqui são entendidas no sentido de ruptura/fresta/fenda/corte, mas também de entrega, obsessão, paixão, loucura, devir. Dentro do sistema carcerário, os extremos das violências são tão profundos e inequívocos que se assemelham a infinitos labirintos de vida-morte, paixão-devir, viver-escrever.

Sobre-viver-escrever dentro do cárcere remete-nos à metáfora dos vagalumes, os *fireflies*, essa espécie de moscas com fogo no corpo, esses seres que sofrem na carne uma eterna queimadura. Os vagalumes são condenados a terem o próprio corpo queimado, não pelo acaso da luz, mas pelo cintilo dorido e marcado pelos erros que os condenam a viverem nos confins das cadeias, sob a acusação de crimes de todas as naturezas. Muitos deles, por cometerem o pior de todos os crimes, os de serem pobres e excluídos por um sistema perverso, mesquinho, desigual e extremamente violento. São esses homens os pirilampos do inferno. São esses seres machos e fêmeas que se iluminam aos chamados de outros pirilampos³⁴.

É também a literatura uma espécie de pirilampo da qual se atraem muitos pirilampos em busca de sobrevivência, em luta contra as violências das escuras prisões que os cercam. Os vagalumes dançam no fusco das celas e «esse momento de graça que resiste ao mundo do terror, é o que existe de mais frágil»³⁵, errático e resistente.

As violências mortificantes imposta pelas violências ‘legais’ do sistema carcerário expõem a degradação da sociedade brasileira deformada, intolerante e pouco afeita à efetividade do poder nos termos de Arendt.

O número de pessoas que vivem em cadeias aumenta consideravelmente de ano a ano no Brasil. Nos primeiros seis meses do ano de 2012 o número cresceu em 6 por cento, intensificando uma tendência que faz do país um dos primeiros no ranking da população carcerária do mundo nas duas últimas décadas.

O sistema prisional é inoperante³⁶, não existem projetos significativos de reinserção social dos reclusos, e os custos para a população brasileira

34 Os pirilampos, vagalumes do inferno, como aqui denominados, são os produtores de literatura em situação de confinamento.

35 Georges Didi-Huberman. *Op.cit.*p.25.

36 Vivemos hoje na sociedade do controle, em que o cidadão é vigiado de todos os lados por câmeras de segurança, que em nada garantem a tão ansiada proteção. Michel Foucault discute, em **Vigiar e Punir**, a sociedade panóptica ou disciplinar, que antecede a do controle. Ele é o primeiro a dizer que as sociedades de disciplinas constituem o cerne de uma configuração estatal que está deixando de vigorar. Vive-se atualmente imerso nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, como na de disciplina, mas por controle contínuo e por comunicação imediata. Certamente os hospitais, presídios, escolas permanecem, contudo são instituições em crise e busca-se, às cegas, novos tipos de sanções para a manutenção desses aparatos, desses dispositivos. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

se tornam cada vez mais elevados, no sentido de manterem as pessoas encarceradas. Por parte do Estado não há tentativas de melhorar as políticas sociais, não há investimentos em prevenção. Por sua vez, a sociedade acredita que o endurecimento da pena e a reclusão de delituosos em prisões é uma solução para evitar a criminalidade.

Depois de inserido no sistema prisional o que é oferecido aos inclusos?

A desorganização da sociedade brasileira agregada à mídia manipuladora e maniqueísta acabam por investir na tecnologia dos meios violentos distorcendo as questões que envolvem toda a população no que diz respeito ao aumento da criminalidade e da população carcerária. Muitos críticos já discutiram e argumentaram em defesa da opinião de que o encarceramento em massa da população denota efeito contrário ao esperado, isto é, ao invés de diminuir, a criminalidade só tem aumentado. As prisões são hoje «universidades do crime organizado». Sem projetos de reinserção social, as cadeias são depositórios de seres humanos marginalizados. E a sociedade vive o cotidiano banalizado pelas mais variadas formas de violências, investindo barbaramente na reparação de crimes sem nenhum sucesso. Hoje, a instrumentalização da violência se encontra nas mãos de facções criminosas, essas sim organizadas com leis e normas muito eficazes no sentido intimidar ainda mais a insegura população.

De novembro de 2012 a maio de 2013 contamos com duas ondas de ataques violentos do Primeiro Grupo Catarinense (PGC)³⁷ em todo o estado de Santa Catarina. Cento e tantos ônibus queimados, atentados a órgãos públicos (câmara de vereadores, bases da Polícia Militar, delegacias de polícia e até mesmo escolas), atentado aos servidores públicos, resultando no assassinato de uma agente penitenciário.

A Lei Federal 12.433/11 (Lei ordinária de 20/06/2011)³⁸ prevê a remição de parte do tempo de execução de pena por trabalho e por estudo.

37 As violências praticadas por facções criminosas como o PGC mostram somente a face da violência desmesurada, ineficaz, sem objetivos definidos, pois não se trata de violência no sentido de instrumentalização como meio de redefinir uma nova organização social, de estabilização do poder no sentido arentiano. A violência nunca pode ser pensada como possuidora de uma legitimidade própria, no máximo ela pode ser justificável ou injustificável, e isso sempre em função dos objetivos que ela pretende alcançar. O PGC pratica atos isolados e nada convincentes do ponto de vista político. Podem até refletir uma organização interna rígida, porém são tão inoperantes quanto o Estado. Não provocam e tão pouco são capazes de promover mudanças efetivas na reorganização de políticas sociais, nem mesmo da massa carcerária.

38 BRASIL. Casa Civil. Lei Federal 12.433/11 Disponível em: www.LeiFederal12.433/11 (Lei ordinária de 20/06/2011). Acesso em: 05 jun. 2013.

Com a atual redação (artigo 126, §1º, I, LEP), o condenado poderá ter sua pena remida por meio de atividades de ensino, ou ainda de requalificação profissional, essas sendo devidamente certificadas pelas autoridades educacionais competentes dos cursos em questão. O número de horas de atividade de estudo necessárias para o desconto de um dia de pena é de 1 dia de pena a cada 12 horas de frequência escolar divididas, no mínimo, em 3 dias. O condenado para conseguir a remição de um dia de pena deverá desenvolver atividade de estudo pelo período relativo a doze horas, não consecutivas, mas distribuídas em pelo menos três dias. A Lei ainda permite que o condenado trabalhe e estude.

Em função desta Lei de Execução Penal, em Santa Catarina, surgem tímidos projetos de leitura e escritura que, aos poucos, vão sendo implementados nas Unidades prisionais do Estado.

Na Unidade Prisional de Joaçaba desde setembro de 2012 acontece a «Reeducação do Imaginário», em que o Juiz Corregedor Dr. Márcio Umberto Bragaglia executa através da portaria 01/12/GJ junto aos internos um projeto de leitura de obras clássicas da literatura universal. As obras são escolhidas pelo próprio magistrado. Após uma data definida pelo juiz para o tempo da leitura, o próprio chama cada preso em particular para conversar a respeito da obra lida. Até o momento já foram lidas quatro clássicos: *Crime e Castigo* de Dostoiévsky; *Coração nas trevas* de Conrad; *Otelo* de William Shakespeare; *Moby Dick* de Melville.

Já no Complexo do Vale do Itajaí está sendo implantado o «Projeto Container». O projeto prevê a leitura de um livro por mês com a produção de uma resenha do livro lido. A resenha será avaliada por especialistas, e o preso terá a sua pena remida por 3 dias por cada livro lido e resenhado. O projeto está nesse primeiro momento direcionado aos inclusos do regime semiaberto, contudo existe a ideia de estendê-lo futuramente para os do regime fechado.

A ideia propulsora para a implantação desse projeto em Itajaí é de que a leitura promove a inserção social do sujeito, além de poder ser utilizada enquanto um recurso terapêutico. A leitura é responsável por acessar emoções em que o leitor é capaz de problematizar sua realidade e questões de distintas naturezas. Nesse viés, o Complexo Penitenciário de Itajaí se posiciona no sentido de dar alguma assistência intelectual e psicológica ao contingente de reclusos, com a criação desse projeto voltado à biblioterapia.

Na Penitenciária de Joinville, o Juiz Dr. João Marcos Buch por meio da portaria nº 8/2013 prevê a remição da pena de 4 dias por cada livro lido. O incluso que se dedicar à leitura de um livro terá o prazo de 20 a 30 dias para leitura e a seguir 10 dias para produção de uma resenha sobre a obra lida. O argumento para implementação desse projeto é de que a leitura promove a reinserção do reeducando, além de afastá-lo do mundo do crime, exceto em casos de desvios psicológicos.

Na Penitenciária da capital do Estado, Penitenciária de Florianópolis, não existe nenhum projeto relacionado com essa nova Lei de Execução Penal. Embora a Penitenciária se posicione geograficamente entre a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade do Estado de Santa Catarina e o Centro Integrado de Cultura ainda não surgiu nenhum projeto em que fosse pensada a remição da pena por leitura e escritura.

Os homens e mulheres prisioneiros que sobre-vivem na escuridão, no inferno de suas próprias vidas, lançam sinais de luz ao se aproximarem da leitura e da escritura. Emitem de dentro de suas celas na prisão lampejos de luz, mostram seus corpos queimados de desejos, de poesias, de sonhos, de narrativas que precisam ser transmitidas a qualquer custo. *Experiências/Sobrevivências.*»A experiência é, nesse sentido, fissura, não saber, prova do desconhecido, ausência de projeto, errância nas trevas.»³⁹ Mas é também potência de contestação, latência de vida, saber-vagalume. A errância de suas vidas no submundo dos porões das prisões se tornam potência na escritura que os imprime. A impotência diante da potência da vida liberta emerge na dança luminosa dos vagalumes do inferno. Lampejos inesperados aparecem nessa dança dos vagalumes: *o sobrevivente do inferno - o sujeito da experiência.*

O sujeito da experiência nas palavras de Georges Bataille:

[...] é um espectador, são olhos que procuram o foco, ou pelo menos, nessa operação, a existência espectadora se condensa nos olhos. Esse caráter não acaba se a noite cai. O que se encontra, então, na escuridão profunda é um áspero desejo de ver, quando, diante desse desejo, tudo escapa. Mas o desejo da existência assim dissipada na noite recai sobre um objeto de êxtase.⁴⁰

39 BATAILLE, Georges. (1973) *apud* DIDI- HUBERMAN, Georges. *op.cit.* p.143.

40 BATAILLE, Georges. (1973) *apud* DIDI- HUBERMAN, Georges. *op.cit.* p. 145.

A leitura. A escritura. A literatura. Experiências indestrutíveis que surgem das celas das prisões, do confinamento, «a arma mais poderosa que há.». Um meio de sobre-viver, de buscar uma maneira de *fugir* do inferno, de estar na tangente, de subir as escadas do reino de Hades.

Retomamos aqui Hannah Arendt e suas questões a respeito dos conceitos de poder e violência. «Não há liberdade sem necessidade, não há poder sem violência.»⁴¹ Há inúmeros meios de se alcançar o poder enquanto uma equação intrinsecamente política. A literatura, a leitura e escritura são instrumentos possibilitam alcançar o poder. Levam-nos à reflexão, aos acordos. Como nos lembra Arendt «do cano de uma arma emerge o comando mais efetivo, resultando na mais perfeita obediência. O que nunca emergirá daí é o poder.»⁴²

Para Arendt, todo o aumento da violência significa o decréscimo do poder. E a marca mais gritante da perda do poder é a desagregação do espaço público. Somos hoje confinados não somente em prisões decadentes e inoperantes, mas em nossas próprias moradias, em nossas cidades. Não temos mais espaços públicos para discutirmos a pluralidade de opiniões, as diferenças, e mesmo os nossos próprios conflitos enquanto seres humanos. Somos homens confinados e ameaçados pelas violências injustificáveis. Vivemos às claras a política do terror, do medo e do controle.

Resta-nos a sobrevivência dos vagalumes e sua infatigável dança.

REFERÊNCIAS

ARENAS, R. **Leprosario**: trilogia poetica. Madrid, Betania, 1990.

ARENDR, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

BRASIL. Casa Civil. Lei Federal 12.433/11. Disponível em: www.legis.senado.gov.br/legislacao/Lista.do. Lei Federal 12.433/11 (Lei ordinária de 20/06/2011). Acesso em: 05 jun. 2013.

BARTHES, R. **Sade, Fourier, Loyola**. Paris: Seuil, 1971.

DERRIDA, J. **La Dissémination**. Paris: Seuil, 1972.

_____. **Loreille de l'autre**: otobiographies, transferts, traductions. Montréal : VLB, 1982.

⁴¹ Hannah Arendt. *Op.cit.*p.134.

⁴² Hannah Arendt. *Op.cit.*p.157.

- _____. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- _____. **Mal d'Archives**. Paris: Galilée, 1995.
- _____. **Dar (el) tiempo: la moneda falsa**. Barcelona: Paidós, 1995.
- _____. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DOR, J. **Introduction à la lecture de Lacan**. Paris : Denoël, 1985.
- DUMOULIÉ, C. **Nietzsche et Artaud: pour une éthique de la cruauté**. Paris: PUF, 1993.
- _____. **O Desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. **A Verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- FREUD, S. **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedades, a questão da análise leiga e outros trabalhos**. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GENET, J. **Un Captif amoureux**. Paris: Gallimard, 1986.
- _____. **L'Ennemi Déclaré - textes et entretiens**. Gallimard. Paris, 1991.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- KRISTEVA, J. **Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection**. Paris : Seuil, 1980.
- LACAN, J. **A Angústia**. Seminário X. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Le Sinthome**. Séminaire XXIII. Paris: Seuil, 2011.
- LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas e as impunidades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. **71 contos de Levi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LYOTARD, J.-F.L. **Inhumain**. Paris: Galilée, 1988.
- MENDES, L. A. **Memórias de um Sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MILLER, J.-A. **A Angústia constituída e a Angústia constituinte**. Desangustiar com a psicanálise. Introdução à leitura e referências do Seminário X. **Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional do Campo Freudiano**, n.43. São Paulo, p. 4-5, maio, 2005.
- SEMPRUN, J. **L'écriture ou la vie**. Paris: Gallimard, 1994.
- WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.